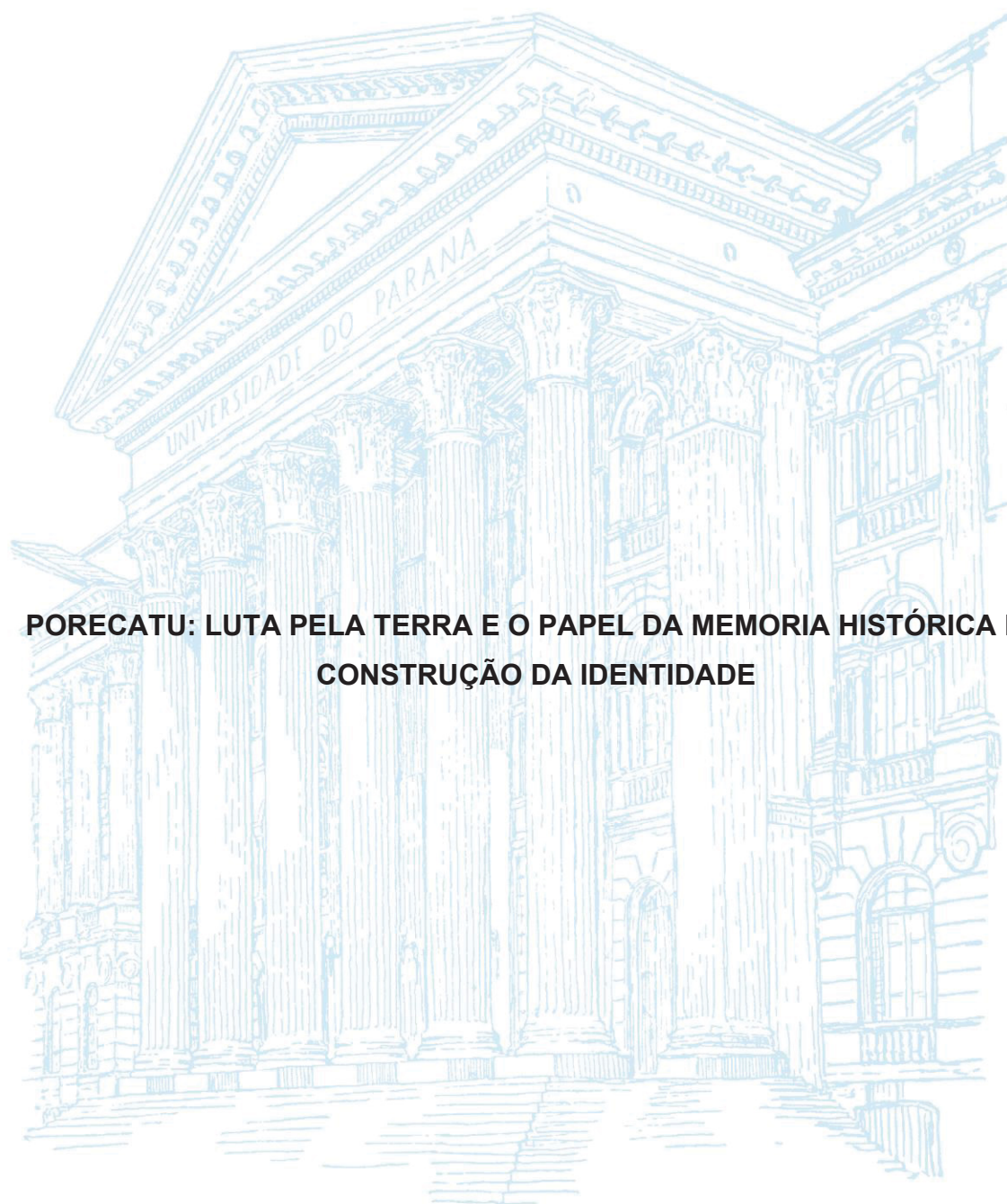


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
ADRIANO FERREIRA BRANDAO



**PORECATU: LUTA PELA TERRA E O PAPEL DA MEMORIA HISTÓRICA NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

MATINHOS-PR  
2019

ADRIANO FERREIRA BRANDÃO

**PORECATU: LUTA PELA TERRA E O PAPEL DA MEMÓRIA HISTÓRICA NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Monografia apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidades Brasileiras a Partir de Seus Pensadores, da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Francine Batista

MATINHOS /PR

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR LITORAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A  
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS  
PENSADORES - 40001016329E1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **ADRIANO FERREIRA BRANDÃO** intitulada: **Porecatu: Luta pela Terra e o Papel da Memória Histórica na Construção da Identidade**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

ANDREA FRANCINE BATISTA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MARIA ISABEL FARIAS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

EVANDRO CARDOSO DO NASCIMENTO

Avaliador Interno

BRANDÃO, Adriano Ferreira. Porecatu: luta pela terra e o papel da memória histórica na construção da identidade. Monografia (especialização em educação do campo e realidades brasileiras e seus pensadores). Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, 2019.

## RESUMO

O presente estudo lança um olhar sobre as questões da construção histórica e social do homem, enquanto agente construtor de sua própria história. Como ele se identifica e se reconhece em elementos imagéticos e o quanto a cultura local se constrói com bases nas relações econômicas e de interesses particulares, desconfigurando tal identidade, estabelecendo pré-conceitos que coloca o homem do campo à margem da sociedade. Essa marginalização, estabelecida ao longo da história do Município de Porecatu, se perpetua ainda na atualidade. Esse estudo aponta questionamentos sobre como essa construção se deu em um movimento de mão dupla, o homem urbano, inserido no meio urbano, e o homem do campo, reduzido ao seu meio, sem que haja um espaço transitório, que os complementem ou que, sem pretensão, os faça iguais.

**Palavras-chave:** História. Identidade. Lutas Sociais. Imagética. Consciência.

BRANDÃO, Adriano Ferreira. Porecatu: struggle for land and the role of historical memory in the construction of identity. Monograph (specialization in rural education and Brazilian realities and the irthinkers). Federal University of Paraná, Coastal Sector, 2019

### **ABSTRACT**

The present study takes a look at the questions of the historical and social construction of man as a constructing agent of his own history. How he identifies and recognizes himself in imagery and how much local culture is built on the basis of economic relations and particular interests, misrepresenting such identity, establishing preconceptions that puts the countryman on the fringes of society. This marginalization, established throughout the history of the municipality of Porecatu, is still perpetuated today. This study raises questions about how this construction took place in a two-way movement, the urban man, inserted in the urban environment, and the rural man, reduced to his environment, without a transitional space, that complement or, without pretense, make them the same

**Keywords:** History. Identity. Social struggles. Imagetic. Consciousness.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
2. PORECATU E SEUS HERDEIROS .....	9
2.1. O ACAMPAMENTO HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU .....	16
2.2.A ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DA LUTA DE PORECATÚ .....	20
3. A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA CONSTRUÇÃO COLETIVA DA MEMÓRIA: A IDENTIDADE DE CAMPONESES PORECATUENSES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	33
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 01. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo relacionar, sistematizar e registrar o contexto histórico de Porecatu (Paraná) com as lutas sociais do Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, situado no município de posse.

Para desenvolver tais objetivos, entendemos ser necessário situar historicamente o lugar de onde falamos, ou seja, a relação das lutas sociais pela terra, pela Reforma Agrária e pelo sustento das famílias. Uma luta que dá início com a ocupação da Fazenda Variante e que compreende todo contexto histórico que cerca essa região, que cerca essas terras.

O Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu assume uma luta que vem sendo travada de geração a geração em cima da terra, lutas que refletem as tensões de uma sociedade comandada pela hegemonia do capital financeiro e suas conseqüências para o campo. Logo, este acampamento, parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), constrói sua história na contramão de uma sociedade guiada pelo Capital, e busca a partir da resistência, ser parte da transformação da realidade brasileira.

Dentro deste contexto, a pesquisa realizada que dá origem a este trabalho, buscou resgatar elementos culturais do campo imagético<sup>1</sup>, identitárias, bem como realizar análises socioeconômicas, que pudessem desconstruir os preconceitos que giram em torno do MST. Foram coletados dados empíricos, relatos de antigos moradores do município de Porecatu, e documentos coletados em órgãos públicos, que pudessem dar suporte às análises que aqui se desenvolvem. Foi utilizado o método qualitativo e etnográfico, onde o resgate dessa memória do território, articulada às lutas sociais, ocorreu através da utilização de elementos biográficos, pesquisa documental, saídas a campo, entrevistas e relatos, articulados com o estudo de obras sobre a temática.

---

<sup>1</sup> Imagético: conceito utilizado pela semiótica, que trata dos signos e significados, como eles se configuram e se relacionam. Como o homem os entende, e a partir deles, constrói relações identitárias com o seu meio.

Na visão de Ilse Scherer Warren (2000), que debruça o olhar sobre os movimentos e lutas sociais, afirma que, uma das contribuições da Educação do Campo são as reflexões sobre o caráter educativo dos movimentos sociais. Outro ponto importante para a autora é repensar o trabalho, de acordo com o conhecimento e a práxis política, e o pensar, nesse processo, exige colaboração entre o conhecimento de campo e a pesquisa social.

A pesquisa de campo realizada no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu se desenvolveu por intermédio de uma saída de campo no período diurno com educadores e estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu. Foram organizados três grupos os quais escolheram um bairro e saíram a campo entrevistando famílias a partir de questões semi-estruturadas que abordavam os seguintes temas: conhecimento da luta do território ocupado; as relações de trabalho; as condições de sobrevivência das famílias, baseadas apenas na produção interna do acampamento. Em todas as ocasiões, foram ressaltados os conflitos agrários correlacionados entre passado e presente, com ênfase na histórica Guerra de Porecatu.

Ainda como partes da pesquisa, no período noturno, foram reunidas educandos do ensino médio, educadores e a comunidade para assistir o documentário de “Ruy Mauro Marini e a dialética da dependência” no intuito de refletir sobre questões econômicas e sócio-culturais, que envolvem a formação do nosso país. Após o documentário, realizou-se uma roda de conversas, a partir da organização de três grupos, que debateram as seguintes questões: O que faz influenciar o cenário político nacional e mundial?; O que ocorre em outros países que pode afetar vários setores da nossa economia?; Quais as relações sociais? A luta é verídica, e fundamentada para todo trabalhador? Ela existe com clareza e busca pautas que são comuns e que atende as especificidades de cada trabalhador que a sustenta?; Qual a forma de entender a realidade política nas questões histórica e sócio-culturais e assim compreender o presente?

Cada grupo escolheu um relator e um orador para a socialização das discussões realizadas.

Outro momento da pesquisa de campo foi a observação do contexto imagético no município de Porecatu onde aparecem caracterizações que impõe uma identidade supostamente positiva, porém invisível em seus significados subjetivos. Os símbolos do município, configuram a perpetuação de um contexto sócio-



econômico que apresenta o grande latifundiário e o trabalhador rural canavieiro. Logo na entrada da cidade está representado por meio de uma escultura, um enorme facão com um cortador de cana, que vinculadas à sua cultura, suas necessidades humanas e sociais, abrem caminhos para mostrar diferentes formas de percepção da realidade cultural e social.

A Usina Central do Paraná (UCP) em desuso, um antigo seminário e casas que pertenceram à mesma empresa (UCP), também podem ser considerados representações que buscam construir de maneira subjetiva uma identidade social do município. O que possibilita perceber o modo de pensamento e representatividade já incorporados pela comunidade local. Contudo, faz-se necessário observar as diferenças e semelhanças, possibilitar uma visão e um modo de pensar crítico, que possam re-significar, pontos de vista e a própria identidade territorial.

Foi realizado também um levantamento de moradores antigos e ex-funcionários da Usina Central do Paraná (UCP), que viveram entre as décadas de 50, 60 e 70. A partir desses dados reunidos em coleta de dados, os jovens de 15 a 17 anos, estudantes do Ensino Médio da Escola do Campo e da Educação Básica Regular (cidade), buscaram estabelecer relações no resgate da reconstrução da história, através da memória. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados, um questionário de 05 questões, que abordaram a percepção do entrevistado, em relação ao cenário sócio-econômico, cultural e identitário.

Consideramos que parte da metodologia utilizada para esta pesquisa, foi realizada um Trabalho de Base (socialização e construção de conhecimentos), processo pedagógico proposto pelo Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidades Brasileiras a partir de seus Pensadores.

Esta pesquisa encontrou amparo teórico nos seguintes autores: Walter Benjamim, focando na obra “História e Narração de 1999. Jörn Rüsen e a “Razão histórica” de 2001; Florestan Fernandes em “Capitalismo Dependente” de 1972; Paulo Freire em “A Pedagogia do Oprimido” de 2018; Darcy Ribeiro em “Testemunho” de 1990; e Milton Santos em “A Natureza e o Espaço” de 2006. Autores estes que nortearam esta pesquisa.

## 02. PORECATU E SEUS HERDEIROS

Através de uma abordagem sócio-cultural de nosso território, ressaltamos que as conseqüências das diferentes desigualdades em nosso país e que atingem todo o território brasileiro, é gerada por conta do sistema instalado, um capitalismo dependente que promove um atraso econômico articulado fundamentalmente pela intervenção política do Estado e que vincula ao mesmo tempo interesses dominantes entre o imperialismo e a burguesia nacional, frutos do neoliberalismo.

Segundo Fernandes (1975), a articulação destas estruturas econômicas heterogêneas no sistema econômico nacional indica o modo como opera o capitalismo no Brasil, que em relação de dependência ao capital imperialista se consolida no decorrer do tempo e de sua formação sócio-histórica.

Na análise de Santos (1977), para compreender as desigualdades em nosso país, e o desenvolvimento territorial do capitalismo no Brasil, é necessário observar a relação entre processo e totalidade, entre tempo e espaço. Para o autor: “não é suficiente falar de processo, para mais é a totalidade em que está inserida com a expressão desse processo, é o que conduz analisar e refletir a mobilidade da real totalidade”. (SANTOS, 1977, p. 40)

Outro autor importante para compor os fundamentos de nossas análises é Ribeiro (1990). Para ele, é pelo conhecimento que necessitam os aprofundar uma teoria de alto alcance histórico sobre a evolução sócio-cultural do homem, buscando relacionar estudos das configurações históricas culturais e da estratificação social. Está na estrutura do poder, parte do impedimento de uma consciência crítica da própria realidade. Em suas palavras:

Nosso papel é, pois, o de nos fazermos herdeiros do discurso da ciência, apenas para refazê-lo com base na exploração exaustiva do valor explicativo tanto dos contextos sociais concretos que observamos, como das circunstâncias de lugar e posição, desde as quais vemos a eles e aos seus contornos. (RIBEIRO 1990, p.86)

Essas reflexões acima mencionadas nos levam a analisar o território de Porecatu, que assim como outros, não ficou fora dessas crueldades e atrocidades produzidas pelo sistema econômico-político e cultural.

Porecatu<sup>2</sup>, um município de terra roxa e fértil, já passou muito sangue e dor. Posseiros, fazendeiros e grileiros vieram ocupar essas terras de maneira desordenada, causando lutas, conflitos e guerra<sup>3</sup>. Entre tantas batalhas, uma delas chamou-se Guerra de Porecatu (1944-1951), também conhecida como a Revolta do Quebra Milho. Forigo (2011) explica, afirmando que o município passou por uma sucessão de requerimentos e pedidos de justificação de posses desde 1891:

É o suficiente para que em 1891 ocorra o primeiro requerimento de legitimação de posses, descrevendo uma área em que, no futuro, se formará Porecatu. No ano seguinte, outro pedido de justificação de posses é formalizado, abrangendo uma área em que boa parte está sobreposta à anterior. Essas duas áreas dão origem a disputas causadas por uma sucessão de compras e vendas, sempre com objetivos especulativos, que irão culminar em 50 anos nos conflitos entre posseiros, jagunços, grileiros e a polícia, sempre com participação e a responsabilidade do próprio governo do Paraná, com seus erros, omissões, disputas políticas e interesses pessoais. (Oikawa *apud* Forigo, 2011, p.15).

O primeiro requerimento de legitimação ocorreu em 1891, porém, somente em 1940 quando foi iniciada a colonização, muitas terras foram vendidas para terceiros. O requerente Grilo Ribeirão Vermelho<sup>4</sup> efetuou muitas vendas de lotes nessa ocasião. Já no início da década de 40, o interventor do estado do Paraná

---

<sup>2</sup> Porecatu é considerado um município de pequeno porte. Está localizado no norte do Paraná com uma área de 292 km<sup>2</sup>, sendo que a área urbana mede 89 km<sup>2</sup>. Fazendo limite ao norte com o estado de São Paulo, Taciba, ao sul Florestópolis, a leste Alvorada do Sul e ao oeste Centenário do Sul. Porecatu se desmembrou de Sertãozinho em 1947, passando a ser um município. Porém só foi elevado à comarca em 1948, no entanto, só foi instalado em 1949.

<sup>3</sup> Considerando a memória daqueles que resistiram, lutaram e ainda o fazem, várias se percebe que estão ligados ainda, frente à colonização, algumas dessas lutas que drasticamente promoveram conflitos sociais de campo e do território paranaense, que antes e até o período da Guerra de Porecatu, dizem respeito ao acesso à terra na ocupação pioneira, e a burguesia industrial que fez acúmulo de fortuna. Destaca-se também, a Guerra do Contestado nos anos de 1912 e 1916 entre Paraná e Santa Catarina, com a expulsão de várias famílias de posseiros que viviam nesse território, reintegrando em pequenas comunidades, liderados por religiosos, entre grupos e classes sociais, vale lembrar também, que na década de 40, os Xetás, etnia de povos indígenas, foram quase extintas através de medidas rápidas de extermínio desses povos do Sudoeste do Paraná.

<sup>4</sup> Grilo Ribeirão Vermelho é conhecido como parte de terras que vem do primeiro requerimento do ano de 1891, 146.465 hectares de área denominada a fazenda Floresta ou Ribeirão Vermelho. Após várias brigas judiciais por superposição de títulos, o Ribeirão Vermelho é considerado terra devoluta respeitando a área da fazenda floresta, passa a ser a mando do governo, terras de colonização entregues na década de 40.

Manoel Ribas<sup>5</sup> ordenou o loteamento de 120 mil hectares de terras devolutivas, pertencentes nessa época, ao município de Porecatu. Atualmente, essas terras estão espalhadas entre os seguintes municípios: Centenário do Sul, Miraselva, Florestópolis, Jaguapitã e Guaraci. Manoel Ribas, objetivava a aceleração do desenvolvimento daquela região, assim foi feito a publicação em órgãos de divulgação nacional.

Desse modo, os anúncios relatavam doações de lotes de terras de primeira qualidade para a derrubada da mata. Segundo a pesquisa, quem plantasse, produzisse e pagasse os impostos, vivendo nesses lotes por seis anos, recebia o título definitivo da propriedade. Diante de tantas facilidades, inúmeras famílias vieram para a área. Com o conhecimento de tal ato, grandes proprietários chegaram ocupando as terras de maneiras desordenadas. Entende-se que as terras ocupadas naquela época, nem sempre eram devolutas, pois tinham muitas propriedades particulares que eram devidamente escrituradas, porém, sem saber se eram as devolutas, quais estavam sobre os cuidados do Estado, terras estas, que estavam em mãos de companhias privadas e também da Família Lunardelli. A atração por essas terras, principalmente de pessoas vindas do estado de São Paulo, ocasionou um verdadeiro caos.

A chegada dos posseiros foi feita em etapas. Primeiro pelos chefes de famílias, em segundo lugar os adultos do sexo masculino, e por último vinham as mulheres e os filhos menores. Os responsáveis pela família vinham e realizavam a derrubada das matas para a construção dos ranchos. A chegada desses posseiros na região objetivava a propriedade das terras e a segurança do trabalho autônomo, por fim, a fartura, chegando ao enriquecimento. Os grileiros, falsificadores de documentos, deixavam papéis de documentos em gavetas cheias de grilos. Esses insetos lançam uma substância que deixavam os documentos amarelados com aparência envelhecida. Dessa maneira, os camponeses analfabetos, eram passados para trás e transferiam seus direitos de posse acreditando que estariam regularizando a propriedade de suas terras. Com os títulos em mãos, esses falsários vendiam a terra para empresas de colonização.

---

<sup>5</sup> Manoel Ribas foi interventor do estado do Paraná após a renúncia do general Mário Tourinho, no período de 1932 a 1934, esteve como governador do estado no período de 1935 a 1937, repetidamente interventor do ano 1937 a 1945.

A diversidade de produção na época trazia abundância na mesa familiar, mas os posseiros visavam ainda, a produção valiosa do café, que era fortemente lucrativa no mercado. Quando as empresas de colonização chegavam às terras, aqueles agricultores que viviam na região há muito tempo e não possuía documentos de propriedade, tiveram que deixá-las. Muitos agricultores foram despejados e enganados, o que os levou à revolta contra essas empresas. As autoridades enviaram policiais para conter essa revolta, um conflito que durou vários anos, havendo muita morte.

Silva (1996) relata um pouco dos conflitos vivenciados no período:

Agora ameaçava botar fogo nas casas. Os paióis mais afastados foram os primeiros a arder. Se encontravam quaisquer casas vazias, incendiavam na de imediato, com tudo que estava dentro. Seu Joaquim resistia. Resistiu até os nervos agüentarem. A gota d'água foi o envenenamento do poço com aviso do perigo. Foi quando seu Joaquim percebeu que o cerco se apertava. E, diante das implorações da mulher e dos filhos, resolveu seguir o caminho da maior parte dos companheiros. Abandonou o emprego e foi embora. No dia seguinte a sua despedida, antes mesmo que o substituto chegasse, a sede da fazenda, a tulha, o chiqueiro, o galinheiro, foi tudo reduzido a cinzas, durante a madrugada. O que aconteceu a seu Joaquim, na Murauama, acontecia em toda a região conflagrada, de um e outro lado, onde os lotes foram disputados ferozmente, com resistências, fugas e mortes. (SILVA 1996, p.136)

O conflito esta na relação entre o individuo, por pontos de vista diferentes em situação que geralmente é desconfortável. O conflito sempre esteve presente, fragmentando a classe trabalhadora. As relações e as divergências mostram, a condições e essas práticas, que se aplicam para tantos e outros ambientes, como a escola, campo entre outros.

Essas manobras revelam a demarcação da memória e resistência de terras na história do Brasil. Para isso, iniciativas de lutas que ensinam aos membros do campo e a evolução de crescimento pessoal por partes dos camponeses, em que os ruralistas se articulam na política fundiária, e esse diálogo vem na reflexão por meio de práticas de lutas sociais, em que a lógica capitalista é a expulsão do homem do campo.

Nesta região, o município de Porecatu se destaca por carregar consigo uma história muito rica e pouco conhecida, até mesmo pelas pessoas que habitam seus espaços. Este município, pequeno em território, guarda consigo a gigantesca contribuição para a história da luta pela terra no Brasil.

A história de resistência dos posseiros em Porecatu é desconhecida pela maioria. E entre poucos que ouviram falar algo sobre ela ou que há conheceram um pouco mais, a idéia corrente é a de que foi algo efêmero, errático, espontâneo, insignificante. Essa é a idéia que as autoridades-governos e políticas, difundiram pela imprensa da época e que, curiosamente, muitos setores da esquerda aceitaram. (OIKAWA, 2011, p.18).

Na década de 1940, o Governo Federal, com o objetivo de colonizar a região norte do Paraná, uma das últimas regiões a ser colonizada no estado, lançou um programa de incentivo, no qual o uso da terra por sete anos garantia o direito de posse da mesma. Através deste estímulo os camponeses de várias regiões do país, principalmente de São Paulo e do Nordeste brasileiro, vieram em busca de realizar o sonho da conquista de um pedaço de terra para viver e produzir o sustento de suas famílias. (OIKAWA, 2011).

Nesse período uma organização de luta pela terra despontava no Brasil, as Ligas Camponesas. O significado histórico e político das Ligas Camponesas, de acordo com Dias (2007) foi um movimento social rural nordestino que se destacou pela mobilização de milhares de camponeses e por isso ainda é utilizado como referência para muitos movimentos sociais agrários atuais. Ela relata também em seu artigo que as Ligas surgiram em Pernambuco no ano de 1955 quando vários foreiros foram expulsos das terras em que cultivavam.

Com relação a Ligas Camponesas, Oikawa (2011) ressalta que foram formadas 12 ligas na região nordestina com o intuito de fortalecer a luta e como forma de acumular força formavam mutirões. Possibilitavam com isso reunir um grupo maior de integrante para ajudar pessoas que estavam necessitando de algo em suas propriedades.

Nessa época, as Ligas Camponesas se espalhava por toda a parte do Brasil, inclusive no Paraná. De acordo com as pesquisas de Oikawa (2011), em 1955 as Liga Camponesas toma corpo no nordeste brasileiro, um momento histórico muito importante no que se refere às lutas pelas reformas de base<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Debate de um conjunto de proposta que propunha alterações na estrutura econômica, social e política do campo direcionada a diminuir as desigualdades. Debatia-se a Reforma Agrária, que anunciada em 31 de março de 1964 no governo de João Goulart, torna-se um dos motivos para o Golpe Civil Militar deste ano.

No que diz respeito à Guerrilha de Porecatu, relata-se também que, com o envolvimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB), houve a organização dos trabalhadores camponeses e posseiros na região de Porecatu. Devido à pressão feita pela polícia, fazendeiros e jagunços, o (PCB) interfere no conflito passando pelas tentativas de solucionar o conflito por meios legais. Ignorados, e com seus direitos não respeitados, a situação foi discutida por todos, assumindo que o armamento era o caminho para a solução dos conflitos e pela defesa dos direitos dos posseiros.

Esse acontecimento, de acordo com os relatos, vem de 1948 quando o PCB ainda era conhecido como “partidão”. Os posseiros apreenderam estratégias de guerras e de lutas ideológicas. Suas reuniões eram realizadas nas estradas, onde suas orientações eram repassadas e efetivadas através de paradas de caminhões, incorporando com isso o contexto das ligas camponesas.

Como resultado desse processo, o governador do período, Moisés Lupion<sup>7</sup>, busca negociar acordos com lideranças dos considerados rebeldes (lutadores legítimos) a fim de articular e apaziguar ânimos. Esse processo vai torna consistente essa luta. Mas, ainda assim é importante ressaltar que alguns articuladores da luta, dissimulando suas intenções, fazem o uso indevido da liderança para benefício próprio.

Como repressão ao movimento de luta, houve situações de assédio físico e moral grave, como uso de dinamites, emboscadas, queima de casas e espaços públicos como escola, além de envenenamento de poços. Instalando-se dias de tensão em Porecatu, os jagunços das famílias latifundiárias, com uso de cães de guarda da polícia, realizavam estupros e assassinatos entre tantas outras violações dos direitos.

Oikawa (2011) afirma que:

---

<sup>7</sup> Moises Lupion: Moisés Wille Lupion de Troia foi governador do estado do Paraná por duas vezes, entre 1947-1951 e 1956-1961.

Em outubro de 1945 Getúlio Vargas cai e leva com ele Manuel Ribas. Com isso, a idéia de colonização, inspirada no modelo norte-americano vira letra morta. A valorização das terras desdobradas, com todas as benfeitorias feitas pelos posseiros, incluindo-se estradas e portos no rio Paranapanema e o bom preço do café, desperta a cobiça dos políticos em Curitiba e grandes fazendeiros do interior de São Paulo. No período entre 1945 e 1947, em que quatro interventores se sucedem no governo do Paraná, os litígios entre posseiros e grileiros, que já vinham ocorrendo desde o início da década, se agravaram. Grandes áreas de terras são vendidas para serem entregues desocupadas de *invasores*. Quando Moisés Lupion assume o governo, no verão de 1947, a violência esta estabelecida e há posseiros reagindo e se defendendo como podem. Com o governador, o Departamento de Terras e Colonização do Paraná transformam-se em um balcão de negócios. Grupos vivem a sombra do governo com o poder de mudar a geografia, falsificando mapas e documentos. Aos posseiros vai ficando claro que terão que passara reagir de maneira organizada. (OIKAWA, 2011, p.26).

Consideramos que culturalmente, para a sociedade porecatuense, a compreensão de visibilidade de luta pela terra apresenta uma grande lacuna, estabelecendo dessa maneira vários equívocos. A Guerrilha de Porecatu e seu contexto histórico encontram-se distantes na visão da sociedade, e há indícios de que muitos a desconhecem, e outros que a conhecem se calam. A hipótese evidencia que essa luta influenciou a formação de preconceitos estabelecidos junto a população da cidade, inclusive em relação à continuidade da luta pela terra empenhada pelo MST. Os moradores mais conservadores do município demonstram certo incomodo em dizer algo sobre esse passado. O MST, ao se instalar no município, mexe na ferida e resgata elementos que desperta olhares negativos da lembrança que refletem a intolerância, e a sensação de ameaça a essa sociedade.

Em homenagem a Revolta de Porecatu e à histórica luta dos posseiros da região, ocorreu uma ocupação do MST no ano 2008 na Fazenda Variante acusada de exercer trabalho escravo, e a construção de um acampamento que foi nomeado “Herdeiros da Luta de Porecatu”. A definição do seu nome marca a busca da superação de formas históricas perpetuadas pelo coronelismo e na figura dos posseiros, bem como na busca de evidenciar o campo como base de sustento e de qualidade de vida para todos, e não de uma minoria privilegiada. Em nome desses camponeses que foram mortos em suas terras, é uma súplica de angústia, que se estende até hoje. Essa homenagem também objetiva ultrapassar a cicatriz do passado dos que ficaram e superar naqueles que seguem a caminhada, pois jamais serão esquecidos pelos que lutam.



Cláudia Franciele Feltrin, 39 anos, dirigente do acampamento, conta um pouco sobre o processo de ocupação deste território realizada pelo MST:

A criação foi em 2008, teve um processo de toda vistoria das áreas do Grupo Atalla, aí a polícia federal veio e interdito a usina central de Porecatu, e nisso nós da reforma agrária, estávamos mapeando toda essas áreas aqui dos Atalla, e isso deu por 260 análises de trabalho escravo. Como deu trabalho escravo é destinado a reforma agrária. Ai então, no processo, dia 01 de novembro de 2008 foi ocupada, que era a fazenda Variante, que hoje é o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu. (Claudia. MST. Entrevista realizada em agosto de 2019 no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu)

O nome não foi escolhido aleatoriamente. A compreensão das reivindicações sociais realizadas por esse povo e da estrutura histórica de abuso por parte dos governantes, contraventores e corruptos dos grandes latifundiários, contarão às futuras gerações, a partir da luta da classe trabalhadora e dos camponeses, que a luta por direitos é parte da construção de um novo tipo de sociedade.

## 2.1 O ACAMPAMENTO HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU

O MST, após estudos estratégicos, decide por deflagrar a ocupação de terras de propriedade do Grupo Atalla<sup>8</sup>. Em entrevista, o Sr. J., 69 anos, morador da Fazenda Tavera do município de Porecatu fala a respeito da mão de obra e relações de trabalho na monocultura da cana de açúcar neste período:

Trabalhei na usina na década de 60, a usina era do João Lunardelli, recebia pagamento de 30 dias, o salário era mensal. Naquele tempo não existia registro em carteira, só quem tinha o nome era o pai da gente e a gente trabalhava em nome do pai, era só uma cabeça que tinha nome lá. Gastava na base de um 70% no mercado e farmácia e tudo da usina, a gente tinha de comprar lá na orelha de jegue, o caminhão levava e trazia. Nessa época era assim. (Sr. J. . MST. Entrevista realizada em julho de 2019)

---

<sup>8</sup> Segundo Casado (2001), O Grupo Atalla, proprietário da Usina Central Paraná, em Porecatu-Pr, tem diversas dividas, tornou fato histórico no estado. Nesse contexto, é sempre lembrado por políticos como um dos grandes abusos dos governos federal e estadual, essa dívida vem ainda dos tempos da ditadura militar. Foi em 1973, que o governo federal começou a liberar empréstimos muito altos para empresários que queriam investir em usinas de açúcar e álcool. O grupo Atalla recebeu financiamento do extinto Instituto de Açúcar e Álcool (IAA) para favorecer a maior usina do País, como chegou a ser nos anos 80.

Os proprietários, donos de muitas terras no norte do Paraná, cultivavam exclusivamente a cana de açúcar para a produção do etanol e açúcar. No dia 01 de novembro de 2008 começaram a chegar famílias de vários municípios do Paraná e ocuparam a Fazenda Variante. Com aproximadamente 2000 pessoas, ocuparam 1400 hectares, onde havia somente a monocultura intensiva. Essa ocupação tinha como objetivo, tornar aquelas terras produtivas, ou seja, uma agricultura diversificada para produção de alimentos, logo, sendo uma forma de geração de renda para camponeses ali presentes.

O acampamento, encontra-se localizado na região norte do Paraná, Rodovia João Lunardelli/PR 170 à 5 km do município de Porecatu, o acesso é realizado através de uma estrada rural de terra, distante aproximadamente 3 km da rodovia citada.

**FIGURA 01 - Localização do acampamento:**



**Fonte:** Imagens do Google Earth: 22°46' 50" S 51°21' 06" W 2,46 Km

Atualmente o acampamento conta com cerca de 250 famílias<sup>9</sup> cadastradas, cadastros estes, feitos em sua maioria no nome do Pai da Família. Zampiva (2014) explica que:

No início do acampamento houve muita dificuldade, principalmente no âmbito alimentício, pois o que predominava na área, como em toda a região, era o cultivo da cana de açúcar. Outro fator agravante foi a ausência de recursos tecnológicos e financeiros. Parecia impossível a produção de outras culturas, pois a terra estava saturada, devido ao longo período de cultivo da cana-de-açúcar e principalmente, devido uso intensivo de agrotóxico. (ZAMPIVA, 2013, *apud* ZAMPIVA, 2014, p.23)

No início do acampamento, houve uma grande oscilação de quantidades de famílias acampadas, muitas vieram procedentes de outros acampamentos do MST e também outros movimentos sociais, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG). Também vinham de diferentes municípios como Maringá, Ponta Grossa, Paiçandu, Curitiba Londrina e região metropolitana. Mais recentemente, também com famílias vindas da região sudeste do Estado do Paraná e Estado de São Paulo, com o objetivo de cultivar a terra de maneira diversificada.

Os moradores que ali se instalaram passaram por momentos difíceis, como o confronto com a polícia das cidades vizinhas. A comunidade presente, conta com subsídios ínfimos das Prefeituras, tanto de Porecatu como de Florestópolis. Essas famílias sobrevivem com seus próprios recursos. Cada família tem o direito de solicitar um lote a partir de seu cadastro para plantar, com 2.8 de alqueire, porém, nem todos os cadastrados têm esse lote, pois a disponibilidade de terra é estabelecida na média de porcentagem entre família/terra, uma vez que não há terras suficientes para todos os cadastros, tendo em vista que a partir dos dezoito anos de idade, o acampado, pode realizar o seu cadastro, e dessa forma, existem famílias com mais de um cadastrado. Vale ressaltar que durante a produção da pesquisa, nenhuma família acampada, estava sem o seu lote de terras para produção.

---

<sup>9</sup> A ocupação realizada em 2008 com o expressivo número de 2000 famílias resultou na permanência de 36 famílias, e mais tarde esse número chegou a 500 famílias. Entre 2009 e 2010, ficou com aproximadamente 400 famílias, atingindo seu ponto máximo com até 800 famílias. Em 2017, essa demanda passou a ser de 300 famílias. Muitas desistiram e foram morar em outro acampamento/assentamentos. Esses números oscilam até os dias atuais, hoje (2019), conta com cerca de 250 famílias acampadas.

Com a produção diversificada para compor sua subsistência, o acampamento produz, feijão, abóbora, mandioca, quiabo, milho e hortaliças, apresenta-se também, a criação de porco, boi, galinha entre outros. Cerca de 32 alqueires é reserva coletiva do acampamento. Nela a produção é menos diversificada, produzindo-se soja, milho e mandioca. Uma parte da produção é utilizada como subsídio estrutural do acampamento.

Atualmente, o acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu conta com 250 famílias acampadas, conseguindo manter-se com sua produção de alimentos. Todos engajados em fazer funcionar a organicidade dessa comunidade, entendendo a importância de aturem como um coletivo comprometido com o bem-estar de si e de todos. Destaca-se que:

Atualmente, o acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu se tornou referência para outros movimentos sociais e também organizações internacionais que “visitam o acampamento realizando pesquisa principalmente com as famílias que permaneceram desde o início” (SANTOS *apud* GOMES, 2012, p.23).

Cláudia, 39 anos, acampada afirma:

[...] nós somos nucleados em 10 famílias, aonde essas famílias têm, coordenador e coordenadora, onde o setor de 10 famílias tem saúde, educação, a nossa infra-estrutura, no meio social onde nós vivemos, por que nós, consegue ter um melhor diálogo, sobre a saúde e a educação, toda a nossa estrutura que temos aqui, é as famílias que construíram, foi à partir do trabalho de cada um, da organização de cada um, que hoje, nós conseguimos dar passo, na questão saúde, nos barraco melhorado, no centro social, onde temos nossa bodega, nosso mercadinho, o nosso espaço, onde todo fim de semana as famílias consegue se juntar, pra ter seu momento social, sua convivência e seu espaço social. (Cláudia. MST. Entrevista realizada em agosto de 2019)

É relevante observar as circunstâncias vivenciadas na experiência do campo, tomado conhecimento das atividades desenvolvidas. Ninguém melhor do que os próprios moradores do acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, para corroborar a veracidade de suas vivências. Conseqüentemente, a de se observar de modo satisfatório, aspectos organizacionais, não menos importantes, que constroem as lutas sociais, dentro do acampamento.

Levando em consideração a atual conjuntura governamental do país e a crise econômica, a legitimidade da luta pela terra encontrou muita resistência, tendo em vista, as manobras que favorecem o grande latifundiário e as políticas

neoliberais, que estabelecem entre outras ações, a má distribuição de renda, o enriquecimento de um pequeno grupo privilegiado, distancia ainda mais o sonho de se tornar assentado ou de uma reforma agrária, à medida que se percebem inúmeros retrocessos nesses encaminhamentos, marginalizando ainda mais o acampado, trabalhador sem-terra.

Com base nos estudos teóricos em Mauro Marini, e discussões fomentadas na comunidade Herdeiros da Luta de Porecatu, justifica-se:

O sistema misto de servidão e de trabalho assalariado que se estabelece no Brasil, ao se desenvolver a economia de exportação para o mercado mundial, é uma das vias pelas quais a América latina chega ao capitalismo [...] sobretudo no processo subordinação do interior as zonas de exportação, as zonas de exploração podem se apresentar mais nitidamente como relações servis. (MARINI, 1973, p. 160).

As políticas públicas da Agricultura caminham nesse momento em um viés, contrário ao que se propõe os ideais camponeses, o que torna esse ambiente de discussão, muito hostil. As questões revelam mudanças, levando em consideração a interpretação que fazem de suas experiências de vida no presente. Elemento imprevisível; as ações burguesas desenvolvidas pelo capitalismo constroem-se com competente rigor e afirmação de sua permanência. Todos os motivos apontam urgentemente para uma nova atualização da questão agrária, de interesse a todos, e não uma sociedade de interesses capitalistas apenas para a perpetuação do latifúndio, o grande proprietário rural. Observemos o relato abaixo, fruto de um debate na comunidade:

Com a subida do dólar fica tudo mais caro, está havendo uma disputa dos EUA, e para afetar o setor da economia brasileira, entram em conflitos bélicos nas questões econômicas entre outros países. O que acontece com o minério de ferro, afetando uma economia todas as outras também serão afetadas, assim em diante a questão do trabalho que é algo muito amplo pode ser totalmente afetada [...] nossa economia em questão está direcionada a importação e exportação tornando-se preços altamente baixos ou altos demais. A luta não está envolvida em todas as classes, temos uma luta, mas as pessoas nem todas estão identificadas com a classe trabalhadora, o mesmo espírito de classe pode romper e unificar o individualismo cercas dessa própria alienação. [...] muitas vezes não percebe a própria exploração em seu próprio trabalho entre muitos desempregos aceitam condições do apelo em manter-se no emprego, que acabam sendo mais fortes do que a luta pela exploração. Para compreender a conjuntura política é necessário ouvir, questionar, estudar boas fontes, força de vontade, bons diálogos e estar atendo e todas as ações inseridas em nosso meio. Desde o início da chegada no acampamento melhorou muito, evoluiu enquanto comunidade há muito dialogo, para fazer

arrecadações, e o que mais faz a diferença é o trabalho de base [...] temos outros projetos áreas de lazer, para as crianças, jovens enquanto comunidade. (Relator Sidnei. MST. Relato da comunidade Herdeiros da Luta de Porecatu realizada em maio de 2019)

As lutas sociais e formas de inserção e organização política das famílias na comunidade e em movimentos sociais, no âmbito do Movimento Sem-Terra, vêm para garantir o direito aos seus. Adolescentes, jovens e adultos enquanto acampados, lutam pela desapropriação das terras improdutivas e implantação do assentamento.

Claudia, acampada, ressalta também que:

Aqui o grupo nosso, principalmente a parte de coordenação, é formada pela nossa ideologia, e formando essa ideologia, temos nossa opinião própria, aqui todos têm que ajudar a construir nossa própria opinião, então para isso, que a gente luta pela dignidade, na construção de nossa própria identidade e formando nossa própria identidade, temos autonomia de dar opinião e ajudar a construir, por mais simples que seja a nossa autonomia, é nossa, e ninguém precisa impor o que fazer. [...] As coisas mais pontuais quando nós ocupamos a terra, temos que plantar e pra isso, é um salto de qualidade para nós e o maior salto de confiança foi a divisão de terra, que todos aqui tem o seu 2.8, tem os 30 por 30, onde todo mundo planta só comida que é abóbora, mandioca, então, com isso, é um salto de qualidade na sociedade, principalmente em Porecatu, que a tomada em relação e correlação de forças, como é grande, então, nós os pegamos pela nossa alimentação. (CLÁUDIA. MST. Entrevista realizada em agosto de 2019)

A análise realizada, a partir da experiência desenvolvida no acampamento “Herdeiros da Luta de Porecatu”, sistematiza sua caracterização histórica, política, social e econômica.

A junção dessas famílias de trabalhadores tem o objetivo comum da conquista da terra, com origens e experiências de vida diferentes, porém, participações coletivas, onde todos estão envolvidos, divididos e sistematizados em cada cadastro. São os camponeses filhos de camponeses, crianças, jovens e adultos, que se dividem nas tarefas, onde se constrói efetivamente o conceito do coletivo, e no coletivo é que o movimento se fundamenta, se organiza e acontece verdadeiramente.

As questões que tem mobilizado a organização e participação se dão no processo produtivo e de significação de todos os seus direitos, a reforma agrária, a participação nas marchas, congressos e mobilizações, onde os sujeitos acampados associam-se a uma luta mais ampla, para concretizar significativamente sua vida de

camponês. O desejo significativo na vida dos camponeses, assumido como o lugar do sonho, da esperança e do conflito, e entre tantos desafios frente aos direitos humanos e sociais de ter sua própria terra, qualidade de vida, cultura, educação e alimentação saudável.

Existem na comunidade formas de organização coletiva, que organizam a produção e comercialização dos assentamentos. Este processo constitui uma das estratégias destinadas a garantir uma melhor articulação e a elaborar alternativas de produção e de manter as famílias assentadas.

As observações demonstram como há aceitação na organização da ação coletiva na divisão de tarefas. Há participação na direção, coordenação, núcleo de base, setores, brigadas e grupos, enquanto regras e normas que regulamentam a vida social das famílias assentadas remetem a um setor que desenvolve tarefas diferentes, como por exemplo: limpeza no acampamento; a organização para manifestações da juventude, das mulheres; a própria produção nos setores entre outros, mas sempre um mesmo objetivo.

Pela observação, consideramos que a prática da militância, a princípio demonstra a união dos sujeitos coletivos em prol da luta pela reforma agrária, dos movimentos, das organizações, como espaço de reflexão, de mobilização e reivindicação. Também contribuem para uma melhor compreensão da dinâmica dos processos de acampamento para assentamento e a imobilidade política de reforma agrária, representados na hegemonia do capital financeiro.

É importante destacar que dentre as diferentes ações organizativas do próprio acampamento para fortalecer a luta pela terra e a luta por direitos, está a construção e uma escola itinerante dentro da comunidade. Ao mesmo tempo contribui para o processo de formação da infância e da juventude, possibilitando de maneira mais concreta sua participação escolar. Essa escola itinerante recebe o mesmo nome do Acampamento: Herdeiros da Luta de Porecatu.

## 2.2 A ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU

No ano de 2008, quando a Fazenda Variante (Porecatu, PR) foi ocupada por famílias ligadas ao MST, surge a preocupação com a educação de crianças, adolescentes e jovens, e a busca de garantir seu direito à escola, tema priorizado pelo movimento. Os ocupantes traziam a demanda de um ambiente educativo para

acolher essa necessidade. As crianças necessitavam ser alfabetizadas, mesmo quando ameaças de despejo ou mudanças de localidade, garantindo que estas tivessem acesso a um processo pedagógico sem interrupções. Assim, o local para alfabetizar essas crianças nunca foi empecilho para realização das aulas. Quando se trabalha com uma educação transformadora, objetivando mudanças, as estruturas físicas disponíveis nos acampamentos não interferem no trabalho pedagógico desenvolvido com esses educandos, contudo a comunidade (MST) não ficou refém do estado gigante.

O desejo de realizar a construção física de um espaço que abrigue a escola entusiasmou a linha de frente, famílias que principalmente, vinham de outros acampamentos e já conheciam essas experiências. Todos entendiam que era fundamental que as aulas acontecessem num espaço minimamente adequado, para facilitar a vida desses educandos, mas também e, sobretudo, houvesse educadores e educadoras do acampamento. No entanto, tudo isso era inexplorado no município de Porecatu, pelo fato de que o sistema organizacional de educação do Estado, e seus representantes, não terem antes vivenciado a experiência do trabalho de educação do campo e suas especificidades, assim, não conhecendo a forma de organização do movimento, e suas experiências em educação.

Após alguns dias no acampamento, no processo de instalação, aconteceram as primeiras atividades da escola, com companheiros comprometidos com a luta, desafiando-se enquanto educadores, mesmo sem uma formação profissional. Alguns inclusive com estudos incompletos e outros ainda cursando o ensino médio, mas o que contava era a força de vontade e a preocupação com a educação dessas crianças.

Dessa forma, reuniram crianças de baixo da mangueira (frutífera), pois era o espaço mais fresco, protegendo-os do sol. As aulas aconteciam todas juntas, do 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série) em uma turma multisseriada, no qual os educadores trabalhavam juntos, buscando atender a necessidade de cada educando, mesmo com materiais pedagógicos escassos. O quadro era improvisado feito com lona preta e a escrita era feita com giz branco. O lanche preparado pela comunidade, arrecadado pelas próprias famílias.

A Escola Itinerante “Herdeiros da Luta de Porecatu” foi legalizada junto à Secretaria Estadual de Educação do Paraná, SEED/PR, em 24 de abril de 2009, apesar da sua existência e funcionamento, desde novembro de 2008.



**FIGURA 2: Barraco de lona que abrigava antiga sala de aula da Escola Itinerante “Herdeiros da Luta de Porecatu”**



Foto: Gomes, 2009.

**FIGURA 3: Primeiro Quadro de Lona da Escola Itinerante “Herdeiros da Luta de Porecatu”**

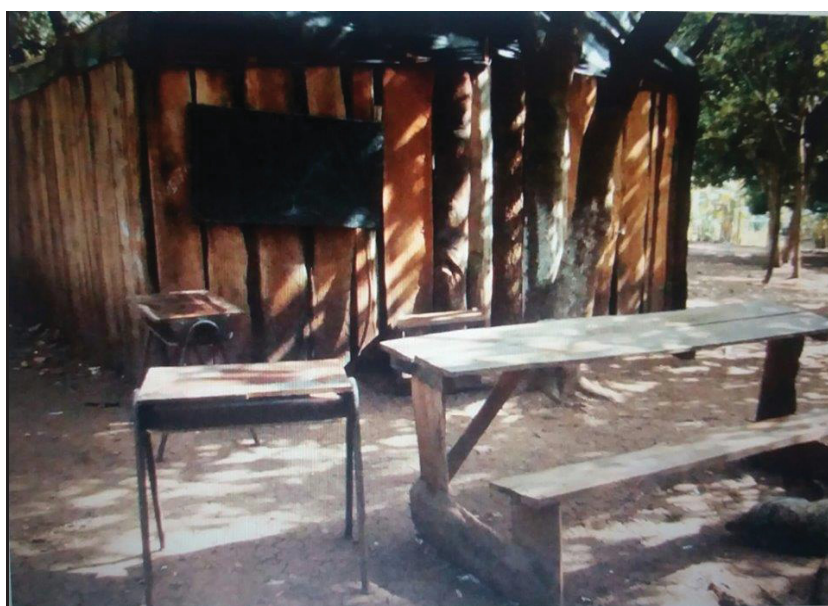


Foto: Gomes, 2009.

Somente em 2009 as salas foram revestidas de lona, contudo o sol, o calor intenso e chuvas fortes, eram situações adversas que comprometiam o funcionamento efetivo da sala de aula. A terra roxa se encharcava, transformando-se em lama, e por vezes, o material caía no chão, impossibilitando as crianças de terem aulas nesses dias, sendo interrompidas diversas vezes.

Diante da situação, as famílias novamente se juntaram e em 2010 com muita dificuldade, construíram salas de aulas revestidas com chapas de madeira compensada, bem finas e cobertas com telhas. O espaço escolhido estava mais centralizado no acampamento e sua arquitetura tinha um novo formato - em círculo, contendo banheiros e também refeitório. Com a integração da escola no local o espaço parecia ser confortável, mas logo se percebeu que a localização era muito próxima a uma mata, tornando-se um problema, pois naturalmente, em função das infiltrações e da umidade no terreno as salas tornavam-se enlameadas. Ainda assim, diante destas condições de estrutura física, as aulas prosseguiram.

**FIGURA 4: A Escola em Construção**



Foto: Arquivo da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu

Abaixo seguem fotos da Escola já com as paredes de Madeirite com piso de chão. Apesar das infiltrações não houve nenhum impedimento para os estudos.

**FIGURA 5: Novas Instalações da Escola Itinerante  
“Herdeiros da Luta de Porecatu”**



Foto:Arquivo da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, 2009.

**FIGURA 6: Salas multiseriadas**



Foto: Arquivo da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, 2009

É interessante notar que somente em 2011, a comunidade conseguiu fazer o piso das salas de aula de concreto bruto, o que possibilitou maior comodidade para a Escola. A construção da Escola Itinerante teve o apoio formal e comprometido da comunidade e mesmo diante da ausência do Estado a mesma empenhou-se e garantiu a manutenção e o funcionamento.

Esse também foi o primeiro ano de uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental, (5º ano). Assim, a Escola passou a desenvolver atividades de ensino em uma turma de educação infantil; uma turma de 5º ano e de turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

**FIGURA 7: Escola ainda no antigo local**



Foto: Arquivo da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu.

Diante das lutas travadas no nosso território algo novo estava por vir, a escola abriria as portas para professores contratados pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS). A preocupação inicial era de que os educadores que chegassem, pudessem compreender o processo e metodologia específica dessa proposta de educação fundamentada na formação continuada e no aporte teórico dos ciclos de formação humana. Outro aspecto era o de que essa educação necessitava de um processo de formação continuada e permanente dos educadores, considerando a própria escola como um símbolo significativo para a formação desses educadores.

No ano 2012, outro passo importante foi dado, a discussão com as famílias sobre a abertura de turmas dos anos finais do ensino fundamental que passaram a ser garantidas pela escola itinerante. Essas turmas foram efetivadas nesse ano.

A busca da identidade de luta, em pouco tempo ocupou um espaço. Os pais viram-se satisfeitos no que diz respeito a construção dos ideais da luta, uma vez que a escola atendia dentro do espaço do acampamento e os educandos sem a necessidade de deslocamento fora do seu ambiente cotidiano e social, teriam sua

formação concreta e que se fundamenta ainda nas bases ideológicas do movimento, além das áreas de conhecimentos comuns curriculares.

**FIGURA 8: Educandos em Tempo Formatura**



Foto: Marinho, 2012.

Houve a ampliação de turmas na escola (turmas dos anos iniciais, já com a nomenclatura de 6º ao 9º ano), mas a princípio não houve o aumento da estrutura, embora houvesse tido uma tentativa de sua ampliação. Necessitando da estrutura e logística bem mais complexa, os turnos se organizaram da seguinte forma: no período da manhã os anos finais; e no período da tarde os anos iniciais.

No ano de 2008 foram requeridos à Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), recursos que pudessem subsidiar a ampliação estrutural e pedagógica da Escola, porém o recurso só foi aprovado e liberado quatro anos mais tarde, em 2012. Dessa forma, não atendeu a real demanda uma vez que ao passar desses quatro anos, houve um crescimento do número de alunos, e logo, o aumento das necessidades a serem priorizadas.

Assim, aconteceu no dia 30 de agosto de 2013 a inauguração da escola em outro espaço localizado mais próximo a comunidade, com refeitório de alvenaria, um número maior de salas e piso com revestimento cerâmico. Teve também, acesso a luz elétrica, já que antes era via gerador, movido a diesel. Diante da nova estrutura, a escola passa a atender o ensino médio no período noturno.

A Escola realizou uma nova reforma em 2015, pois as paredes ainda eram de Madeirite e com o tempo foi se deteriorando. A comunidade organizou-se e reconstruíram as paredes com material mais resistente.

Em 2019 a Escola passou por mais uma reforma com a pintura da mesma, como se apresenta até os dias atuais. A Escola Itinerante é atendida por uma Escola Base<sup>10</sup> denominada Ricardo Lunardelli, localizada na cidade de Porecatu.

**FIGURA 9: Escola atual já reformada.**



Foto: Adriano Brandão, 2019

Desse modo, as investigações realizadas entre a escola e a comunidade, demonstraram pedagogicamente o sentido de seu próprio nome.

Na atualidade essa escola atende o ensino em sua amplitude, possibilitando desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Em Sapelli (2015) podemos observar que as primeiras experiências de criar escolas em acampamentos aconteceram antes mesmo da criação oficial do MST, em 1984. As relações intrínsecas entre a

---

<sup>10</sup> Escola base é a escola que é responsável para dar apoio a escola itinerante do (MST), que garante a estrutura de funcionamento e dar suporte legal e implementação de sua proposta pedagógica e formação do ciclo de formação humana, responsável pelos registros e expedição de documentação escolar. A Escola Base que antes atendia a Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu era o Colégio Estadual o Campo Centrão no município de Querência do Norte. No final de 2013 passa a ser atendida pelo Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak já com o ciclo de formação humana, o qual atende as demandas do Município de Laranjeiras do Sul e seu entorno. Em 2019 a Escola Itinerante passa a ser atendida por outra Escola Base, o Colégio Ricardo Lunardelli do município de Porecatu.

escola do campo, a resistência e a luta, possibilitam as condições materiais para o desenvolvimento de sua proposta pedagógica. Nas palavras da autora:

Ser uma escola inserida na luta, portanto, num processo contra hegemônico, impõe às escolas itinerantes e suas comunidades a exigência de construir uma proposta pedagógica que responda a esse processo. Pautado nisso, o Movimento tem buscado, desde os anos 1980, acumular aprendizagens, na perspectiva de construir tal proposta. Nos anos 1980, logo após a Ditadura Militar, foi definindo o conjunto de princípios filosóficos e pedagógicos que orientam sua proposta. Segundo Sapelli (2013), os princípios filosóficos representam, para o Movimento, a tentativa de expressar a concepção de sociedade, de ser humano e de educação. São eles: educação para a transformação social; educação para o trabalho e cooperação; educação voltada para as várias dimensões do ser humano (SAPELLI, 2015, p.134).

Nota-se que a luta da Escola Itinerante, vem com o propósito de promover autonomia, qualidade e avanços na percepção da realidade. No acampamento, o contexto de Escola Itinerante, preserva seu espaço formador em atender as especificidades de cada educando, não desconsiderando o contexto social ao qual o sujeito está inserido. Essa Escola tem como característica o acompanhamento ao movimento territorial do acampamento.

Dona Claudia com amplo conhecimento reitera:

Para nós a nossa escola itinerante desde que nos ocupamos aqui, foi fundamental pro nosso sem terrinha, exatamente por causa que, é um grupo muito forte principalmente aqui em Porecatu. Onde que nós trabalhamos com as famílias que nós tínhamos que ter uma escola aqui nossa, por que temos que trabalhar ideologia enquanto sem-terra, nos enquanto camponeses e se nos fossemos pra cidade, a ideologia da cidade, enquanto que nós íamos trabalhar quanto que custa uma tonelada de cana, e pra nós enquanto trabalhadores sem-terra nós temos que trabalhar com nossos filhos a quanto agricultura, como que planta um pé de alface, quantos pé de milho vai numa roça, e tudo mais, mandioca, é assim futuramente nós víamos construindo a ideologia do nosso sem terrinha, a ideologia que pode estar ajudando os pais principalmente a nossa questão camponesa, nossa raiz mesmo,então a nossa escola, enquanto ideologia, qual é a importância de ser seres humanos aqui dentro do nosso país, a importância de nós sermos sem-terra e carregar essa nossa identidade. Então pra nós, a escola dentro do Herdeiros foi fundamental,começamos debaixo de um barraco de lona, embaixo de pé de manga,e hoje as famílias conseguiu construir um mínimo a onda nossos filhos pode o mínimo de educação com dignidade, e lutar por aquilo que nós almeja, pelo aquilo que a reforma agrária propõe pra nós,que é a transformação da sociedade,reforma agrária e a terra, nosso três objetivos aqui dentro da escola.(Cláudia. MST. Entrevista realizada em agosto de 2019)

Dona Claudia continua com suas reflexões:

Nós tivemos três locais da escola, até que hoje permaneceu uma estrutura melhorada, mas durante esse processo como já foi falado, nosso filho estudava de baixo do pé de manga com quadrinho de lona, e a partir dali nós víamos a importância que é, de nos termos que construir uma escola melhor, as famílias ajudou a construir a escola. Foi feito todo um planejamento feito em círculo as nossas escolas, simples também, mas vimos que conforme foram aumentando as crianças, nós não tínhamos mais condições de ficar no outro espaço, conseguimos planejar outra escola que é a atual hoje, com a estrutura melhor, nós só tivemos 20 mil reais de ajuda do governo estadual o restante foi tudo a família que ajudou a construir, e essa questão pedagógica teve os profissionais que ajudou a inserir [...] Nesse processo quem ajudou foi a Sandra Cheron, Simone, Ana Cláudia e própria comunidade e essas meninas que já eram formadas que ajudou a formar a frente pedagógica. (Cláudia. MST. Entrevista realizada em agosto de 2019)

Esses depoimentos nos fazem refletir que o trabalho pedagógico da escola, está sempre em construção e renovação, assim relacionado com a organização de uma nova sociedade. Freire (2018) afirma que “A educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, seja estrutural, superestruturais ou Inter estruturais, contradições que impedem o homem de ir adiante” (FREIRE, 2018, p.29). Nesse caso, a Escola Itinerante vem possibilitando e garantindo o conhecimento e a escolarização dessas famílias a partir das questões da realidade, visando o lado social desses integrantes que vivem numa forma organizativa contra hegemonia do capitalismo.

Freire (2018) aponta que:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser-menos. Como distorção do ser-mais, o ser-menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra que os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, 2018 p. 41).

A Educação do Campo em sua proposta e fundamentos insere um debate consciente e contribui para o avanço político e sociocultural. Para entendermos o entusiasmo dessas famílias é necessário também compreender que a escola faz parte dessa luta. A importância da Escola Itinerante como parte da luta social, está na sua própria resistência ao refletir sua experiência vivenciada em seu contexto de realidade. E assim, a valorização do próprio sujeito como parte da formação humana é primordial.



Na tentativa de fazer a diferença, a Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, faz parte de uma construção social que vincula a educação em sua própria realidade, guiadas por muitas lutas sociais, buscando compreender as contradições históricas pelo capitalismo, e ligada às lutas por direitos no Brasil. Uma escola vinculada estreitamente à luta de classes. Essas lutas estão ligadas à prática, reflexões e à desafiadora ação dos educadores e educandos, numa contraposição pedagógica à escola tradicional.

### **03. A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA CONSTRUÇÃO COLETIVA DA MEMÓRIA: A IDENTIDADE DE CAMPONESES PORECATUENSES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

A construção da percepção do homem em relação a sua história, inserção no seu meio social e as suas interações, acontece por intermédio das memórias, elemento primordial na construção do seu histórico. É através dela, que o sujeito, se reconhece e articula-se diante das necessidades de sua realidade. Vale ressaltar, que tal elemento, só se torna consistente, à medida que essas referências organizam-se de forma crítica, subsidiando seu posicionamento.

Sobre esta questão, Gagnebin (1999) afirma que:

“Todavia, a rememoração, a contemplação, na consciência, das injustiças passadas, ou a pesquisa histórica, aos olhos de Benjamin, não são suficientes. E preciso, para que a redenção aconteça, a reparação [...] do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar [...]” (GAGNEBIN, 1999, p.51).

Levando em consideração que a construção histórica e social se dá também por meio de elementos externos que alimentam e ampliam a visão do homem à cerca da percepção de si mesmo, coloca-se aqui o olhar em elementos artísticos e culturais que constroem sua articulação imagética.

Através de signos que compõem a realidade de identidade visual de Porecatu, levantam-se questões que estão intrinsecamente ligadas às relações econômicas, sociais e culturais do município. Por meio desses elementos, exalta-se a monocultura canavieira, o cortador de cana, e as configurações subjetivas que estão veladas nesses elementos.

Uma vez ampliado o olhar sobre essas questões, é importante ressaltar que tais elementos configuram subjetivamente a perpetuação do homem cortador de cana como um elemento ficticiamente homenageado, todavia, o coloca na condição de subclasse. Através da análise formal, onde a figura do imponente facão se sobressai em uma escala monumental em relação à representação do cortador de

cana, demonstra que o mesmo está fadado a ter essa relação de inferioridade dentro da organização social.

Vale ainda, colocar o olhar na grande construção da Usina Central do Paraná que funciona como pano de fundo para a grande escultura na entrada do município, apontando mais uma vez a imponência do grande latifundiário e do homem cortador de cana, como mão de obra barata e jornadas de trabalho exaustivas. Esses elementos e tais configurações corroboram o preconceito aparente na organização social do município, criam um ambiente propício ao entendimento errôneo desses elementos que funcionam em um movimento contraditório entre memória, construção identitária e organização social.

**Figura 10: Monumento na cidade de Porecatu: Cortador de Cana**



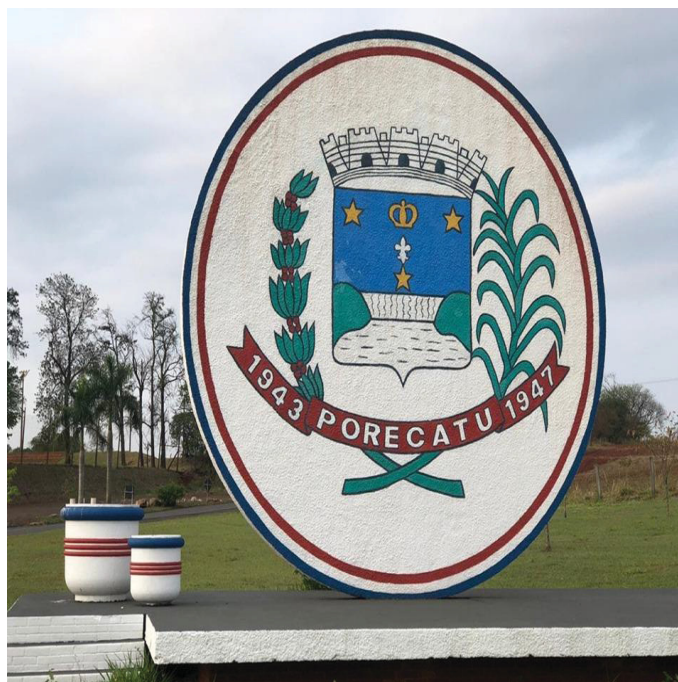
Créditos: Gustavo Cesar Dias

**Figura 11: Vista da Empresa**



Créditos: Gustavo Cesar Dias

**Figura 12: Brasão do Município Porecatu**



Créditos: Gustavo Cesar Dias

**Figura 13: Entrada da Cidade de Porecatu**



Foto de Adriano Brandão

Podemos observar nas imagens acima que a figura 10 representa o cortador de cana. Uma obra feita pelo artista plástico Henrique de Aragão, encomendada pela prefeita Nelsa Campos e inaugurada em 1996. A Figura 11 demonstra a Usina Central do Paraná em desuso, visto que a última safra aconteceu em 2013. A figura 12, símbolo do brasão da bandeira do município de Porecatu, demonstra três estrelas representando os primeiros donos da Usina Central do Paraná os irmãos, Urbano João e Ricardo Lunardelli. E a figura 13 apresenta a entrada do município de Porecatu.

Outro elemento cultural a ser observado é o Hino do Município, a letra exalta o monocultivo da cana e cafezais, bem como o papel da usina na cidade como sinal de progresso e orgulho para o Brasil. Vejamos abaixo um trecho deste hino:

Teus exuberantes cafezais.  
 Teus lençóis, de canas verdejantes,  
 Luta intensa, movimento incessante  
 Em parte alguma poderá haver iguais.  
 As tuas duas gigantescas chaminés,  
 O teu imenso parque pastoril,  
 Tuas igrejas, teus jardins e tuas escolas,  
 Tudo isso é orgulho para o Brasil.

(Trecho do Hino de Porecatu-Letra e música do Maestro Honório Maestrelli)

À cerca da memória humana, o homem seleciona fatos trazidos pela lembrança de forma parcial, a partir de estímulos externos que serão selecionados. Segundo Pollak (1992) “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à

vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que é articulada, em que ela está sendo expressa” (POLLAK, 1992, p.4). Quando estimulados de forma externa, as articulações dos elementos que constroem as percepções identitárias, configuram-se de acordo com contingências pessoais, o que se vive no momento, torna-se fato relevante, é imprescindível, lembrar que a análise dos elementos culturais do campo imagético, identitário e sócio-econômico, expressa a memória coletiva e não somente individual, e diante da comunicação, tende a idealizar o passado e a luta pelo trabalho.

Outro ponto expressivo é perceber que a memória está no fato e nos acontecimentos registrados, sistematizados pela sociedade, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1985, p.37). Na memória, a perspectiva de reconstrução e do resgate histórico, buscar evidenciar causas aos fatos inerentes ao próprio indivíduo, e dessa forma, através das conexões, manter em correlações pessoais, para seguidamente interpessoais, possibilitando a coesão de um grupo.

A identidade está ligada a questões locais, que vão sendo construídas e marcadas pelas relações que os povos constroem, ao longo de sua vida. De acordo com Benjamim (1985), a relação entre o passado e o presente está apenas em um dos lados do processo. Afirmo o autor que este é um processo em que a atualidade tende a desenvolver com a iluminação do passado. Assim, esse passado vem tornar uma força no presente. Ressalta ainda o autor, que conflitos antigos voltam. “O sol está a se levantar” (BENJAMIM, 1985, p.61) e vem para alimentar a consciência das classes dos indivíduos inseridos nos dias de hoje. Reafirma o escritor que o sol não é como uma esquerda progressista, mas sim um símbolo de acontecimentos necessariamente inevitáveis e naturais, de um mundo totalmente novo. Para Benjamim o sol é um elemento natural que possui sua própria luta e com uma utopia que vem e inspira para um avanço igualitário.

Perius (2009) retoma que:

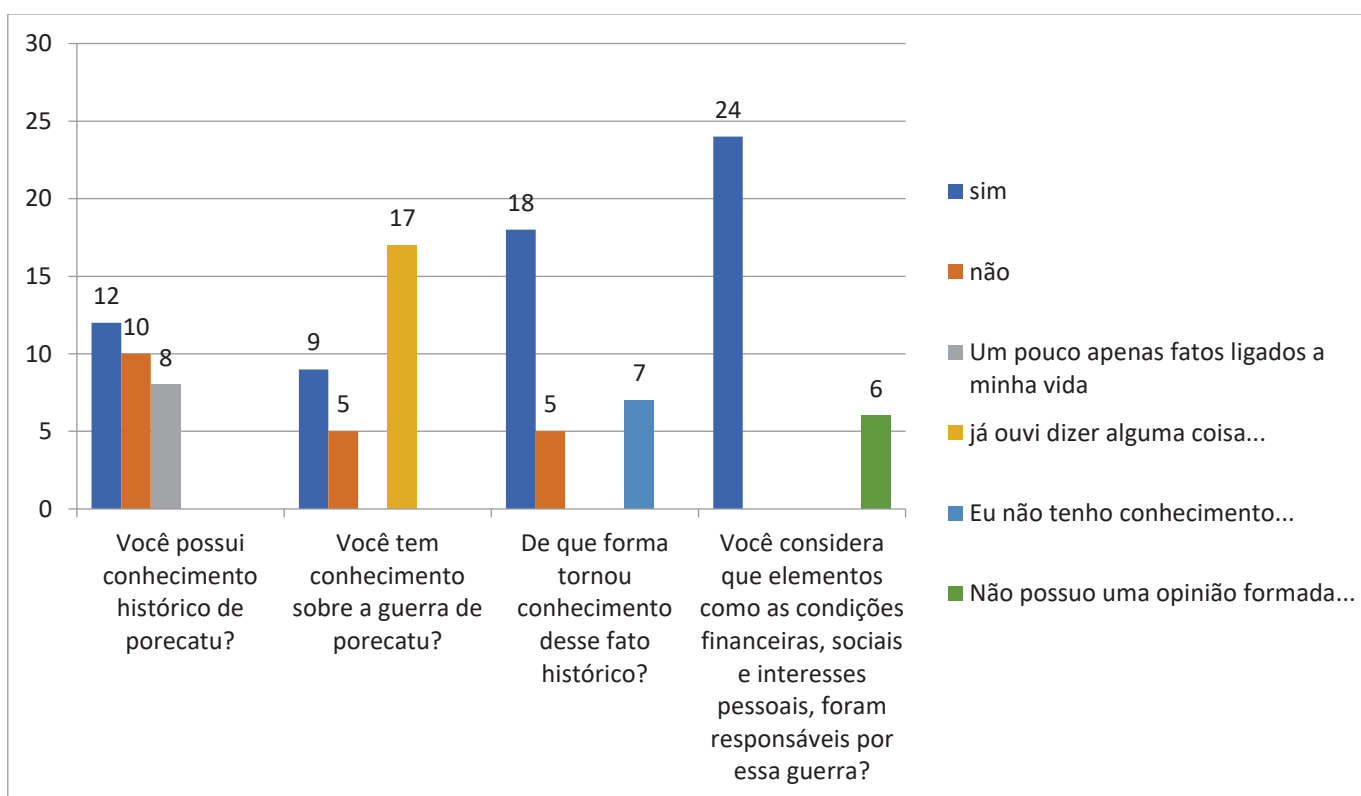
Contar a história é escrever a história, criar e recriar a história. Para Benjamin, articular o passado historicamente “significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo”. (BENJAMIN, Walter. 1992, p.160). O perigo está aí, bate à porta. Narrar a história não pode ser mais a tranqüila tarefa do historiógrafo que enfileira acontecimentos históricos cronologicamente [...] Contar a história passa a

ser um ato profundamente político. (BENJAMIN, *apud* PERÍUS, 2009, p.131)

A todo modo, a coleta de elementos permite nos conhecer, a consciência histórica se constitui articulando cultura, política e a os questionamentos do visível. Dá-se a partir das leituras, através dos conceitos e questões. Existe um eixo entre a experiência do passado e expectativa do futuro que na compreensão da mente humana, pode interferir no presente cultural, temporal, político e histórico.

Na experiência que vivenciamos durante a pesquisa que originou este trabalho, a qual teve a participação dos educandos da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, foi organizado um levantamento de dados e de conhecimentos históricos com moradores do Município de Porecatu.

O gráfico abaixo apresenta uma síntese das questões e respostas, possibilitando uma melhor visualização e nos indica elementos para uma análise.



De acordo com o gráfico acima, 30 pessoas em média responderam as questões (moradores de Porecatu, entre 16 e 69 anos). Destas, 12 pessoas têm conhecimento; 10 não conhecem; e 08 poucos têm conhecimento da história do próprio município. A segunda coluna demonstra o perfil das respostas acerca

diretamente da Guerra de Porecatu: 09 disseram que tem conhecimento; apenas 05 disseram que não tem; e 17 já ouviram falar alguma coisa. Na terceira coluna, a respeito sobre a forma que tomou conhecimento do fato, 18 entrevistados responderam que sim e afirmaram que tem conhecimento através de livros, peças de teatro, em aulas na escola e por histórias contadas por familiares; 05 responderam que apenas ouviram dizer que tem livro sobre o assunto; e 07 responderam que não tem conhecimento sobre o fato. Na quarta coluna, direcionada às condições financeiras, sociais e interesses como responsáveis pela guerra: 24 consideraram sim; e 06 dos entrevistados não possuíam opinião formada.

Um processo construtivo de significados dá ênfase e atribuições culturais e marcam a indeterminação do conhecimento. A identidade relaciona-se com atributos de massa, todo e qualquer objeção social, disseminada por meios de comunicação de massa ligados a industrialização. Segundo Florestan (1981) isso reflete, desde uma análise rigorosa, que nas evoluções ocorridas na sociedade capitalista, a burguesia já aprendeu a conviver com a luta de classes. E nesse caso, as construções simbólicas e identitárias, bem como a memória seletiva e fragmentada, fazem parte de suas estratégias de convivência.

Hall (2005) retoma a idéia clássica de Marx, reafirmando que os homens fazem história, mas sob condições que lhe são dadas. A matéria como base do pensamento que produz as ideais sobre tudo nas classes dominantes e as articulam, e por fim, a superação das formas arbitrárias são os eixos responsáveis pela construção do homem social.

Os movimentos sociais que lutam pela terra, como por exemplo, o Movimento Sem Terra (MST), possui características específicas, se organizam em prol de algum sentido, ou de alguma causa específica. O fato de organizarem-se entorno de uma questão comum abre caminho para a construção de uma identidade, de uma forma de consciência, a consciência social. Uma consciência que se desenvolve e se fortalece na medida em que a memória histórica de seus iguais é ativada, reconstruída, processo esse, que se dá pela luta, pelo estudo, e pela projeção do que se pretende para o futuro. Mas essa memória vive em constante conflito, às vezes velado, as vezes aberto, com a reprodução da ideologia dominante através dos meios de comunicação de massa, e da própria educação tradicional para as massas.



A sociedade no mundo globalizado sofre influências das redes sociais que atingem uma imensa quantidade de pessoas e virtualmente vai forjando certa forma de consciência, que muitas vezes fragmentada não consegue identificar e relacionar causas e efeitos, essência e aparência, símbolos de identidade de um povo e símbolos de uma cultura de massas. No século XXI, as mudanças rápidas e constantes, forjam sujeitos com perfil completamente individualista, ludibriado pela idealização de que vive numa sociedade de livre escolha, deixando de lado muitas vezes sua cultura local, pela valorização da cultura de massa. O espaço de luta e resistência se manifesta através dos movimentos sociais na atualidade, onde é o próprio sujeito quem faz a transformação, constrói sua vida, cultura e identidade. A esse respeito Rösen (2001) apresenta que:

A consciência histórica é necessária a fim de que o agir (e o sofrer) humano não permaneça cego quando seu superávit intencional se realiza para além de suas condições e circunstâncias, por assim dizer quando avança a transformação no mundo pelo homem, e se dê a consciência de que esse avanço vai na direção correta. Sem essa determinação da direção, o potencial inovador das intenções do agir humano não poderia realizar-se; sem o direcionamento, esse potencial ficaria desordenado e não poderia orientar as ações na forma de intenções – pois intenções nada mais são do que as metas substantivas do agir do passado. (RÜSEN, 2001, p.81).

Neste sentido, a organização social busca construir uma identidade comum, uma ação comum para além dos interesses privados e individuais, e possibilitam emergir o sentido da existência humana, onde na luta pelos direitos sociais básicos, o ser humano se humaniza, vai encontrando-se e construindo uma consciência coletiva de seu papel na história social. E nesse caso há uma necessidade constante de diálogo desses sujeitos coletivos em construção para com a grande massa ainda submersa numa consciência ingênua. Segundo Freire (2018) “a verdadeira revolução, cedo ou tarde, tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas. Sua legitimidade está no diálogo com elas não no engodo, na mentira” (FREIRE, 2018, p.172). A complexidade está na noção de construção de identidade (ética, regional, entre outras), de sujeito coletivo, e de sua enorme importância para cidadania, e para o avanço da humanidade.

#### 04. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando conhecimento do fato, do território ocupado, da história dos acontecimentos passados, através das pesquisas realizadas pudemos averiguar de maneira sistemática as continuidades das tradições do passado que permanecem no presente em relação a vida cotidiana. A pesquisa suscitou uma primeira abordagem na busca de compreender a fundo e sob um olhar consciente e crítico sobre o que foi a Guerrilha de Porecatu. Contribuiu para analisar as questões do campo, tensões e lutas atuais, sob uma perspectiva histórico-social.

De acordo com o resultado da pesquisa, entende-se que a história dos integrantes do MST passou por uma trajetória muito complexa. O objetivo do trabalho foi de analisar, sistematizar e registrar as lutas sociais dentro e fora do acampamento nos dias atuais, desde o início da ocupação da terra pertencente a um grande latifúndio em Porecatu. Num estudo comparativo foi observado que as pessoas que acamparam nessas terras passaram por inúmeras dificuldades, chegando nessa localidade com o objetivo de produzir alimentos para seu próprio sustento.

Analisamos que isso não foi interrompido com o passar do tempo. A Guerra de Porecatu também estava calcada sob as bases de um intenso conflito agrário que por um lado aumentava e centralizava grandes latifúndios de monocultura e por outro excluía pequenos camponeses e posseiros de sua própria possibilidade de existência.

Vale lembrar a análise de que auto-organização dessas famílias, particularmente quanto ao comportamento organizativo e coletivo na luta pelos seus direitos, oferece subsídios valiosos do presente ao futuro.

Para os acampados entrevistados, percebemos que a educação é um dos primeiros requisitos para uma formação digna do ser humano. Nesse caso, a luta que esses integrantes tiveram relacionados ao direito de que suas crianças e jovens freqüentassem uma escola e que fosse através de uma formação diferenciada, demonstra que a concepção de educação do campo que permeia a Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu está relacionada a busca por uma aprendizagem

concreta e vivida diariamente, que os conhecimentos estudados e construídos possam contribuir para sua sobrevivência econômica e socialmente, e ao mesmo tempo dar passos significativos na construção de um novo tipo de sociedade mais justa e igualitária.

É de manifesto notório que a estabilidade dessa instituição esteve permeada por um contexto político no país e no município repleto de conflitos. Em todos seus quadrantes em escala nacional, imobilizadas pelas últimas crises e políticas governamentais, há angustias para as instituições sociais ao ver a responsabilidade da prefeitura em fornecer recursos básicos, educação, saúde e segurança, para o uso da população no município, mas que a mesma não está assistida. De tal forma, é importante salientar que os órgãos públicos utilizam números do acampamento para garantir a viabilização dos recursos, que na maioria das vezes não chegam ao trabalhador do campo, reafirmando mais uma vez a invisibilidade velada.

Dessa forma analisamos que a relação entre consciência histórica e consciência de luta se efetiva através organicidade do acampamento, na inserção do seu meio. O estudo dos fatos ocorridos na história, num período estabelecido ao movimento social que ao longo dos anos se tornou instrumento de atuação política, deve interpretar e analisar os conflitos e tensões que permitem entender como o movimento social deu sentido ao passado na organização e mobilização do presente.

Analisamos também que a consciência histórica, principalmente dos jovens do município de Porecatu, encontra-se enraizada de elementos que respondem a hegemonia do capital financeiro.

Por fim consideramos que, em termos estruturais e sociais, o decorrer da pesquisa teve uma grande contribuição acadêmica e humana. As relações estabelecidas entre as narrativas deste trabalho poderão contribuir com reflexões sobre várias questões que interferem substancialmente em nosso momento histórico e político. Também poderá contribuir como material de pesquisa para outros futuros trabalhos, assim fornecendo pistas sobre a necessidade da construção do resgate da memória histórica, da construção da identidade e da construção de uma simbologia que permita um amplo processo de conscientização.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Natália Cristina. Triviños, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo.** Resenha crítica, [S. l.], [ca 2013]. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2335> . Acesso em: 10 março, 2019.

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Representações Sociais e a Construção da consciência histórica.** Disponível em: file:///D:/Documents/Downloads/DissertacaoRonaldoCardosoAlves.pdf . Acesso em: 10 de março 2019 às 02:30 horas.

BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet.1º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Adriano Ferreira, *et al.* **Herdeiros da Luta de Porecatu. Inventário da Realidade.** Coletivo do Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira e seus Pensadores, Porecatu, 2019. Trabalho não publicado.

BUENO, Rosiléia. **GEOGRAFIA EM ESCALA LOCAL: Um estudo de caso do Município de Porecatu.** Orientadora: Ângela Massumi Katuta, 2008. p.152 (PDE em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

CALDART, Roseli Salete *et al.* **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CASADO, Vânia. Grupo Atalla renegocia dívida com o governo. **Empresa que controla a Usina Central do Paraná pretende quitar débito com o governo para fazer novos financiamentos,** [S. l.], 20 set. 2001. Folha do Paraná, p. 2. DOI Bonde. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/economia/grupo-atalla-renegocia-divida-com-o-governo-9590.html> . Acesso em: 6 jul. 2019.

CROMBERG, Monica Udler. **Tempo e história algumas aproximações acerca do presente em Walter Benjamin e em Martin Buber.** Disponível em: file:///D:/Documents/Downloads/69484-Texto%20do%20artigo-108362-2-10-20140404.pdf Acesso em: 10 março, 2019 às 02:00 horas.

DIAS, Camila, C. **As ligas camponesas e a Luta pela Terra nas décadas de 1950 e 1960.** Rio de Janeiro (RJ), UFRJ, 2º Encontro da rede de estudos rurais, 11 a 14 de setembro de 2007.

ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU. Inventário da realidade. **Coletivo da escola em construção.** Porecatu, 2018. Trabalho não publicado.

FARIAS, Adriana. **Diálogos Formativos com o Campo.** Londrina: UEL, 2019.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente**. São Paulo: Zahar Editores, 1975.

FORIGO, Adriano de Almeida. **Agroecologia no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu**: Conceitos e Práticas Educativas Populares. Orientadora: Adriana Medeiros Farias. 2013. 62 p. Monografia (Conclusão do curso em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

FORIGO, Adriano de Almeida. **Litígio de terra, litígio de memória: a questão agrária em Porecatu/Pr a partir das narrativas locais (Dos conflitos de 1948-51 até o presente)**. 2017. Dissertação (Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Programa de pós-graduação de ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade, Rio de Janeiro, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. III seminário "O MST e a Pesquisa". In: FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Cientificidade do Conhecimento e os Processos Coletivos de Transformação da Realidade Social**. Guararema- São Paulo: [s. n.], 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/007/07mitrovitch.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2019.

GOMES, TÁBATA MELISE. **A Biologia na Educação do Campo**: uma experiência com temas geradores na Escola Itinerante do MST. Orientadora: Adriana Medeiros Farias. 2009. 90 p. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 104 p.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio uma leitura das teses "sobre o conceito de história"**. São Paulo: Bom tempo Editorial, 2005. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=aviso+de+incendio+michael+lowy+pdf&rlz=1C1PRFC\\_enBR807BR807&oq=aviso+de+incendio&aqs=chrome.1.69i57j0i5.12252j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=aviso+de+incendio+michael+lowy+pdf&rlz=1C1PRFC_enBR807BR807&oq=aviso+de+incendio&aqs=chrome.1.69i57j0i5.12252j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8) Acesso em: 10 de março de 2019.

MITROVITCH, Caroline. **A desconstrução construtiva da história**. [S. l.: s. n.], 1999. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/007/07mitrovitch.pdf>. Acesso em: 10 março. 2019.

MONTEIRO, Helenice Barion Monteiro. **A HISTÓRIA DOS XETÁ: PROBLEMATIZAÇÕES E CONCEITOS**: problematizações e conceitos. Orientador: Astor weber. 2016. 19 f. artigo (PDE) - seed, [s. l.], 2016. doi:10.978-85-8015-093-3. disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_hist\\_unespar-campomourao\\_helenicebarion.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_unespar-campomourao_helenicebarion.pdf) . Acesso em: 16 set. 2019.

OIKAWA, Marcelo Eiji. **Porecatu a guerrilha que os comunistas esqueceram**, 1. Edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PARANÁ. Secretaria de Educação. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Ricardo Lunardelli do Estado do Paraná**. Curitiba: Governo do Paraná, 2019.

PERÍUS, Oneide. **Walter Benjamin**: considerações sobre o conceito de História. 2009. 135 p. Artigo, Mato Grosso, 2009. Disponível em:file:///D:/Documents/Downloads/8800-31706-1-PB.pdf . Acesso em: 16 de março de 2019 às 12:00 horas.

PINA, Max Lanio Martins. **O ensino de história na perspectiva de JörnRüsen**. Disponível em: file:///D:/Documents/Downloads/3207-Texto%20do%20artigo-12024-1-10-20150729.pdf Acesso em: 10 de março 2019 às 02:20 horas.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RODRIGUES, Fabiana de Cássia. A Questão Agrária e Caio Prado Junior. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**, [S. l.], 2005. P. 5-8 .

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história, fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 194 p.

SANTOS, Milton. Como as formas geográficas discutem o capital e mudam estruturas sociais. *In*: SANTOS, Milton. **A Totalidade do Diabo**. São Paulo: Hucitec, 1977. P. 31- 41.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. *E-book* - PDF.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert. **Escola Itinerante**: espaço de disputa e contradição. Curitiba: UFPR, 2015. 16 p.

SILVA, Joaquim Carvalho da. **Terra Roxa de Sangue**. Londrina: UEL, 1996.

SOUZA, Maria Adélia de. A geografia Desenvolvimento sustentável: Panorama Mundial. **O Planeta e as Metáforas**, Campinas, 2018.

WARREN, Ilse Scherer. Para metodologia dos movimentos sociais e educação no campo. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**, [S. l.], 2000.p 118-119.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de solicitar sua participação intitulada **Porecatu: Luta pela terra e o papel da memória histórica na construção da identidade**, que fez parte do curso de especialização em Educação do Campo e realidade brasileira a partir de seus pensadores da universidade federal do Paraná – UFPR/setor litoral, sob orientação da prof.<sup>a</sup> Andrea Francine Batista

O **objetivo da pesquisa é** Estabelecer uma visão abrangente e global dos temas e apresentar um olhar sobre o processo de tomada de propriedade sobre os territórios agrários compreendidos entre os municípios de Porecatu, no sentido do que se pretende alcançar contribuindo assim para o fortalecimento de uma afetiva política pública no campo e do campo, constituindo os territórios como espaço de pesquisa apontando os desdobramentos da disputa estabelecida entre posseiros, latifundiários e interesses sucroalcooleiro na retomada da memória e reconstrução histórica, tendo como diretrizes a educação do campo.

O estudo será realizado através de observações e registro de comportamentos, aplicação de questionários e técnica de entrevista direcionadas ao resgate da construção histórica territorial.

Informamos que a presente pesquisa, além de não apresentar risco aos participantes, busca encontrar conhecimentos que poderão, futuramente, ajudar a encontrar alternativas que facilite na contribuição como fonte a outras pesquisas. Para isso sua participação é muito importante, e a ela se daria da seguinte forma. Responder questionário devidamente elaborado pelo responsável da pesquisa, gravação de áudio.

Sendo assim, convido o Sr ou a Sra. Claudia Franciele Keitrim a participar da presente pesquisa. Neste sentido, solicitamos sua colaboração e participação como voluntária para a coleta de dados.

Ressalta-se que você tem todo o direito de não autorizar a pesquisa interromper sua participação, devendo somente avisar com antecedência o pesquisador de sua desistência no prazo de 48 horas.

Caso concorde, solicitamos a gentileza de concretizar sua concordância, assinando esse termo de consentimento livre e esclarecido.

Adriano Brandão  
Assinatura do pesquisador responsável

Nome: Adriano Ferreira Brandão  
End: Miguel jóia nº 93. Florestópolis- Pr  
Fone: (43) 999173170  
R.G: 70247437

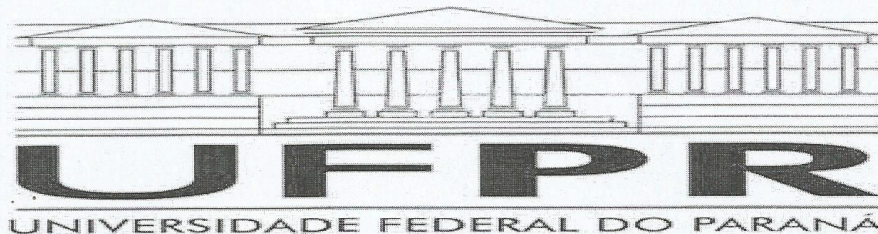
### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com a coleta de material para exame.

Porecatu, 17/08/2019.

Claudia F. Keitrim  
Assinatura do Sujeito da Pesquisa ou do Responsável

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - LITORAL



## CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Porecatu - PR, 17/08/2019

Eu, Claudia Franciele Lettin, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a **ADRIANO FERREIRA BRANDÃO**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação/Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus pensadores da Universidade Federal do Paraná – UFPR/Setor Litoral, sob orientação do Prof.º Andrea Francine Batista, no dia: 17/08/2019, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes.

Ainda tempo, registro que poderá usar meu verdadeiro nome ().

Ainda tempo, declaro que prefiro que use um nome fictício (  ).

Por ser verdade, firmo o presente

Claudia F. Lettin

Assinatura do(a) entrevistado(a)